

**XIX
CONBRACE**
VI CONICE
08 a 13 de setembro de 2015
VITÓRIA-ES

TERRITORIALIDADE E DIVERSIDADE
REGIONAL NO BRASIL E AMÉRICA LATINA:
SUAS CONEXÕES COM A EDUCAÇÃO
FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

EDUCAÇÃO, LAZER E CULTURA JUVENIL: INVESTIGANDO
PRÁTICAS DE LAZER EM CENÁRIOS DE ORGANIZAÇÃO E
EXPRESSÃO DE CULTURAS JUVENIS URBANAS
CONTEMPORÂNEAS E SUAS RELAÇÕES COM OS “ATOS DE
CURRÍCULO”^{1,2}

Romilson Augusto Santos

RESUMO

Essa tese tem como objetivo identificar aspectos formativos que suas culturas de lazer veiculam em relação aos “atos de currículo” que experienciam, bem como expressões de práticas de lazer, permitindo dialogar no campo educacional em direção a uma educação cidadã plural. Tomamos como base, estudos etnográficos das práticas educativas pautadas na etnopesquisa crítica e, nesse sentido, adotamos uma atitude de investigação que deseja apontar, a partir das conclusões da investigação em pauta, para proposições que podem ser anunciadas no âmbito dos cenários de organização e expressão de culturas juvenis contemporâneas, identificando-as no projeto histórico que desejamos construir para a educação e para as novas políticas públicas juvenis.

PALAVRAS-CHAVE: Cultura Juvenis; Lazer; Educação.

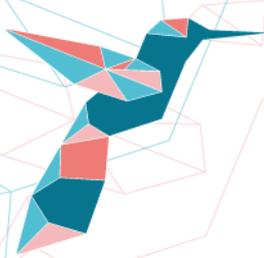
DIÁLOGOS PRELIMINARES E INTERPRETATIVOS COM A REALIDADE:
ITINERÂNCIAS, ERRÂNCIAS E IMPLICAÇÕES COM O OBJETO DE PESQUISA.

O presente texto teve como finalidade elucidar/descrever/apresentar, os nossos diálogos abertos obtidos durante nosso processo de estudo de Doutorado com a temática, *Educação, lazer e cultura Juvenil: investigando práticas de lazer em cenários de organização e expressão de culturas juvenis urbanas contemporâneas e suas relações com os “atos de currículo”*³, realizada junto ao Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (PPGE)

¹ O presente trabalho não contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para a sua realização, constitui-se como síntese do resultado da minha pesquisa de Doutorado.

² Etnolazer é conceito em construção e, portanto, permite um diálogo aberto para sua formulação. Aqui entendido como um campo de estudo dos grupos culturais, em seus éthos formativos, através de expressões, vibrações, vivências e experiências culturais, desenvolvidas pelos sujeitos em seus cotidianos, realizadas em seu tempo livre, buscando privilegiar o aspecto ontocultural do lazer, em seu sentido pleno de licitude. Ao ter a ideia de cunhar este termo, tomamos como base os etnométodos pelos quais as pessoas criam e recriam suas próprias culturas de lazer.

³ O termo “atos de currículo” é empregado por Roberto Sidnei Macedo (2007), em seu livro intitulado *Currículo: campo, conceito e pesquisa*, para designar todas as atividades que se organizam e envolvem uma determinada formação orientada por currículos.



da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia (UFBA), na linha temática Currículo, e (In) formação.

Tomamos como objeto de investigação as culturas juvenis contemporâneas, principalmente aquelas em situação de exclusão e vulnerabilidade. Para tanto, procurando dialogar com as literaturas que tratam especificamente dessa categoria, bem como, outras que subsidiam a discussão pelo âmbito da educação, da cultura, do trabalho, da formação, do lazer e do currículo.

Em torno do diálogo com a literatura, com as vivências práticas e com atores/atores sociais, interpretamos aspectos que constituem a realidade estudada, na perspectiva de desvelar, elucidar a significação (*meaning*), atribuída às práticas de lazer em cenários de organização e expressão de culturas juvenis urbanas contemporâneas, tais como os movimentos dos graffiteiros, dos anarco-punks e dos skatistas.

Desta forma o presente texto busca ainda, revelar as itinerâncias, errâncias e implicações com o objeto da pesquisa, com a qual assumimos de forma engajada na construção da Tese. Com isso, buscamos reafirmar que a formação se dá em atos, constituindo-se em “atos de currículo”, com as contradições, singularidades, ambivalências que fazem parte do ato humano, e que, portanto, “[...] defender uma tese significa defender um ponto de vista, e isso implica eventualmente se inscrever em uma luta de vida ou de morte”. (HESS, 2005, p. 27)

É dessa forma que trataremos os processos de investigação, é dessa forma que buscaremos interpretar o diálogo com a realidade investigada para/com as culturas juvenis contemporâneas, levando em consideração todos os momentos vividos durante o doutoramento, com as ambivalências, contradições, singularidades e as agruras vividas durante os quatro anos de formação. Uma formação que consideramos plena, mas feita de (in) completudes, porém com entrecimento. Um ato de vida e de morte, muitos pedaços afetivos de mim ficaram, muitas não existem mais; itinerâncias de uma tese.

Os critérios de pesquisa se deram a partir dos interlocutores/ jovens, que se dispuseram a colaborar com a pesquisa, respondendo as entrevistas ou dando seu depoimento voluntariamente. Levamos em consideração o princípio da representatividade dos grupos. Foi utilizado também, como dispositivo de investigação, um diário de pesquisa, com a finalidade



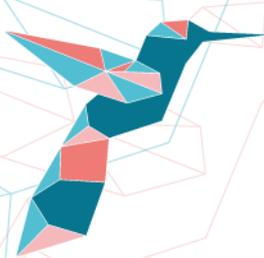
de anotar toda e qualquer informação, que considerássemos importante ou não para a investigação. Buscou-se descrever as inferências, com nuances de detalhes, a partir do percebido e do vivido em nossas rotas/trajetos, rotinas e rupturas enquanto pesquisador-etno em observação de campo.

A inserção dos sujeitos da pesquisa se deu por várias rotas de investigação, levando em consideração as próprias questões do nosso objeto de estudo, conforme as questões a seguir:

- a) Como emergem do cotidiano dos atores/jovens pesquisados, os aspectos formativos que suas culturas veiculam como lazer?
- b) A partir do ponto de vista dos próprios atores sociais, como o currículo escolar dos grupos investigados tem tratado a questão das culturas juvenis urbanas contemporâneas por eles expressas?
- c) Quais processos formativos aparecem nesses cenários de culturas juvenis urbanas contemporâneas capazes de compor o currículo escolar, expressos pelos atores sociais implicados?
- d) O que pensam e dizem os atores pesquisados sobre a formação vivenciada, relacionando-a com suas práticas culturais?
- e) O que podemos concluir enquanto construção para redimensionar/reconceptualizar o currículo nos aspectos relativos ao lazer e às culturas juvenis urbanas contemporâneas, tal como vivenciadas/vivenciados pelos grupos investigados?

O campo exploratório foi dividido em quatro fases: fase de (com) tato [valorização da inserção no campo de investigação], fase de observação [descrição das rotinas dos skatistas, graffiteiros e anarco-punks], fase da (entre) vista e fase de interpretação/ análise com os interlocutores [verificação das suas atuações, situações e compartilhando com os sujeitos observados, da linguagem comum utilizada por eles, em seu cotidiano]. Nestes termos, a coleta de dados utilizou os conceitos básicos dos etnométodos [prática, indexicalidade, reflexividade, accountability]

[...] Prática é um conceito fundamental da Etnometodologia. Garfinkel o utiliza logo de início para explicar de que tratam os estudos etnometodológicos: “abordam as atividades práticas, as circunstâncias



práticas e o raciocínio sociológico prático como temas de estudo empírico” (GARFINKEL apud COULON, 1995, p. 29)

O termo “prática” utilizado na etnometodologia, portanto, corresponde à realização de atividades corriqueiras, sejam elas leigas ou profissionais; o que importa é que elas impliquem em métodos não formalizados que possibilitem ao ator social tomar decisões, comunicar-se, raciocinar. [...] A linguística afirma que a vida social é construída por meio da linguagem natural que é a língua falada do dia-a-dia. Esta linguagem natural, entretanto, está repleta de expressões indexiais, isto é, de expressões cujo significado só adquire valor positivo em face de um contexto de enunciação.

[...] A reflexividade é um conceito que pressupõe “que as atividades pelas quais os membros produzem e administram as situações de sua vida organizada de todos os dias são idênticas aos procedimentos usados para tornar essas situações descritíveis”. (GARFINKEL apud COULON, 1995, p. 42)

Neste sentido, quando um ator social fala da sua prática do dia-a-dia, ele está na verdade, atualizando a sua prática, renovando-a. A prática diária tem um código que a organiza e que está implícito nela. O código é muito mais vivido do que falado, mas ele pode aflorar na interação por meio de expressões indexiais.

[...] *Accountability* significa a lógica interna que organiza as práticas sociais de modo que elas possam ser descritas de forma coerente e racional. A *accountability* é o que permite que se compreenda a coerência de práticas que, de outro modo, seriam aparentemente distintas e independentes entre si. Assim, dizer que o mundo social é *accountable* é o mesmo que dizer que ele é inteligível e a sua inteligibilidade é revelada nas práticas diárias dos atores. (MACHADO, 2000, p. 47-49)

Seguindo a mesma rota de análise, foi valorizada, também, a *análise de conteúdos e as compreensões dos etnotextos humanos*, levando em consideração os aspectos peculiares presentes nessa forma de análise, tais como: a comunicação entre os atores sociais, a conceituação, codificação, as noções subsunçoras ou perspectivas. Para isso, procuramos seguir a linha do respeito do dito e não dito advindo das apreensões da “gestalt, onde figura e fundo devem ter a mesma importância analítica.” (MACEDO, R., 2006, p. 147)

Quanto às entrevistas, foram semi-estruturadas. Tratavam do tema de maneira abrangente, buscando referência às práticas de lazer realizadas por eles. Utilizamos, quando permitido, gravações, filmagens, fotografias, relatos orais, participação em conversas e escutas casuais, porém evitando constrangimentos e omissões de informações. Nesse sentido, tiveram privilégios os métodos e instrumentos empregados pela etnometodologia



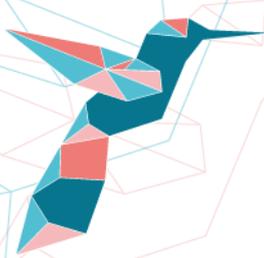
principalmente, a etnografia semiológica, na intenção de compreender os sentidos dado pelos atores sociais ao seu cotidiano, a partir do seu “esquema de interpretação” ou o próprio *pattern*. (COULON, 1995, p. 67)

Durante a investigação, foram aplicados 48 questionários, entre skatistas, grafiteiros e *anarco-punks* com faixa etária entre 16 a 25 anos. Foram também realizadas outras entrevistas consideradas na pesquisa independentes do questionário por jovens, que não se sentiram confortáveis em preenchê-lo. Assim, iniciamos o processo de pré-análise, das descrições e interpretação inferencial, a partir das falas dos sujeitos. O que dizem e pensam os jovens se constituiu no nosso mais importante dado de análise.

Cabe ressaltar, que procuramos seguir a transcrição das falas conforme apresentadas pelos sujeitos investigados *ipsis literis*, quando a entrevista foi realizada através de gravações ou filmagens. Vale dizer, ainda, que o compromisso da investigação foi o de revelar essas interferências no processo hermenêutico e estabelecer uma análise crítica, a partir da política de sentido apresentada pelos sujeitos investigados. O papel fundamental dessa pesquisa foi a de investigar as práticas de lazer das culturas juvenis e sua relação com os “atos de currículo”, muito mais pela ótica de quem vive o contexto [os jovens] e não pela ótica de quem traça as políticas ou prescreve os currículos e a formação [a escola e seus órgãos reguladores]. O que importou foi o olhar dessas práticas, a partir do vivido intencional desses jovens e não o nosso intencional vivido. Aqui, aparece o educador querendo compreender aquilo que a escola não compreende.

Nestes termos, para a definição das noções subsunçoras, foi feita a leitura na totalidade do Diário de pesquisa o qual apresentava os registros realizados junto aos sujeitos da pesquisa. Em seguida, foram analisadas todas as filmagens feitas das entrevistas e selecionadas aquelas que, possivelmente, deram maior sentido e significado interpretativo a nossas análises intercíticas. Posteriormente, foram selecionados os registros fotográficos, que deram sentidos e significados ao cotidiano dos atores/atrizes sociais em suas práticas de lazer, suas vibrações e expressões culturais. Nesses dois primeiros momentos, procuramos desvelar todas as nuances de detalhes atribuídos pelos sujeitos, individualmente ou no coletivo, a partir de suas falas, buscando a primeira matriz das noções subsunçoras.

DIÁLOGOS CONCLUSIVOS E PROPOSITIVOS EM ABERTOS

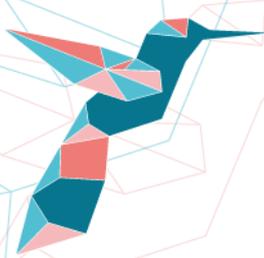


Enfim, o que primeiro nos move como “facho de luz” é a compreensão de que a educação precisa romper com paradigmas cristalizados que perduram desde o Século IX. Uma educação niilista, modelizante, opaca e iluminista, vinculada a um fascismo social. Um fascismo social que exclui, segrega, discrimina aqueles que estão à margem do processo de formação. Aqui estão inclusos homens e mulheres negras, os índios, os homossexuais, as culturas juvenis, dentre eles os graffiteiros, os skatistas e os *anarcopunks*.

Ao reconhecermos que a educação necessita de rupturas, estamos reconhecendo, também, que tal ruptura deve ter implicações no currículo/ formação e que, portanto, nosso “facho de luz” deve se mover em outras direções, que por hora se manteve obscuro ou ofuscado [intencionalmente ou por desconhecimento mesmo], aos “olhos” dos “experts de gabinete”, aos curricularistas, aos especialistas e ao próprio senso comum. É como se quiséssemos, em pleno século XXI, manter com os *éidos* do Mito da Caverna e trazer a *Paideia* do mito, como uma conversão do olhar, ou seja, colocar em evidência outro currículo/formação para/com as culturas juvenis contemporâneas. Na verdade, é isso que vislumbramos, essa é a (o) nossa (o) ideia/olhar.

Nossas ponderações acima advêm daquilo que conseguimos compreender/interpretar a partir das falas, expressões, gestos, narrativas produzidas e constituídas nos cenários de organização e expressão das culturas juvenis contemporâneas, durante o nosso processo investigativo, bem como das nossas convicções, do ponto de vista ontológico, pedagógico, político, filosófico, antropológico e histórico sobre currículo/formação. Os “fachos de luz” emitidos pelos (as) jovens nos levaram a compreensão que se deve constituir outra educação, outro lazer, outro currículo/formação que, à primeira vista, se mantêm obscuros ou ofuscados diante dos olhos daqueles que fazem e dizem sobre currículo/formação. Na nossa compreensão, tal ofuscamento ou obscuridade se deve ao fato da manutenção do modelo de educação que atualmente temos, com as suas normatizações e disjunções entre currículo e formação, entre as culturas juvenis e seus veios formativos, entre a escola e seus os “atos de currículo”.

Cumpramos elucidar que direcionamos nosso “facho de luz” para essa outra educação proposta por nós, numa atitude de “oposicionalidade” [um ato de contraposição], porém procurando não ofuscar, nem manter obscuro aquilo que precisa de evidência frente às novas demandas que as culturas juvenis veiculam, pensam e dizem sobre suas dinâmicas culturais. Para tanto, trataremos como “facheiro” as nossas interpretações propositivas, advindas das



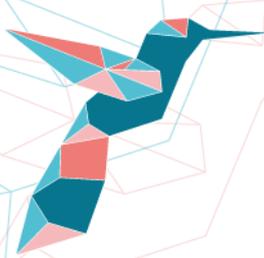
noções subsumidas presentes nas nossas análises realizadas junto aos atores/atrizes sociais, conforme a seguir:

- a) A cultura escolar e a ausência construída da cultura juvenil como uma problemática formativa;
- b) A folclorização efêmera da cultura do outro;
- c) As culturas das ruas como saberes da experiência que formam;
- d) O lazer entre graffiteiros e skatistas como pautas formativas;
- e) Etnolazer e currículo e a possibilidade de uma formação cultural crítica pluralista.

É a partir desses cinco “fachos de luz”, que daremos início aos nossos diálogos conclusivos e propositivos em aberto da tese. Vale dizer, ainda, que o nosso “*facheiro*” não aparece como a pretensão de clarear ou iluminar todos os caminhos da educação. Pelo contrário, busca tirar da obscuridade ou do ofuscamento aqueles caminhos, que ainda não foram visualizados e percorridos [e se foram visualizados, não foram percorridos na sua plenitude], no sentido da *Bildung*.

A CULTURA ESCOLAR E A AUSÊNCIA CONSTRUÍDA DA CULTURA JUVENIL COMO UMA PROBLEMÁTICA FORMATIVA

Temos, aqui, um obscurantismo muito forte, quando se trata do diálogo entre a cultura escolar e as culturas juvenis contemporâneas, principalmente, quando se trata de discutir aspectos formativos. Ao utilizarmos o substantivo masculino “obscurantismo”, para tratar sobre os nossos “fachos luz”, fazemos com a convicção de que a palavra se encaixa perfeitamente no contexto do qual estamos dialogando, que é a cultura escolar. Obscurantismo esse que nega, poda e oculta, subsumem no contexto educacional, outras possibilidades formativas das culturas juvenis, que não estão prescritas no currículo/formação [e quando estão, aparecem meramente como atividade extracurricular]. Isso por não compreender [e quando compreende, ignora], talvez por não saber lidar com possíveis alterações na cultura escolar, talvez por não compreender as culturas juvenis como problemática formativa. Aqui temos um leque de possibilidades desse obscurantismo. Aliás, normalmente a cultura escolar nem percebe seu obscurantismo frente às culturas juvenis, haja vista, a própria compreensão que ainda perdura ao tratá-los como “alunos”. Há algo mais obscuro do que um *Ser* sem luz? Certamente, essa é a visão que a escola ainda tem das



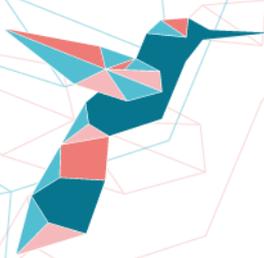
culturas juvenis, como seres obscuros, sem conhecimento, sem possibilidades de contribuir com o próprio processo formativo.

No mínimo, a cultura escolar, quando não obscurece, ofusca o brilho existente em cada jovem que ingressa no seu contexto. A forma como a escola se organiza acaba refutando outras dinâmicas formativas, que as culturas juvenis veiculam em suas experiências, expressões e vibrações culturais [e que deveria ser potencializada pela escola], por não compreendê-las como “atos de currículo”, ou seja, como possibilidades formativas [aqui, algumas delas se traduzem em pura cultura, através dos movimentos dos graffiteiros, skatistas, *anarco-punks*]. Portanto, percebemos, em nossos estudos, que há uma ausência construída da cultura juvenil como uma problemática formativa na cultura escolar, fazendo com que ela se mantenha nesse obscurantismo pedagógico e venha reverberar no currículo e na formação dos sujeitos aprendentes. O que torna evidente que a educação precisa sair dos discursos que levam à previsão e à predição, advindo de um determinismo construído historicamente [e impulsionado por uma lógica mecanicista] e partir para a compreensão do *complexus* [tecer no todo, tecer junto, entrelaçar, aquilo que é tecido junto], que se clareia nos ambientes formativos.

A FOLCLORIZAÇÃO EFÊMERA DA CULTURA DO OUTRO

Mantendo ainda o fio condutor de nossos “fachos de luz”, a partir do que pensam e dizem as culturas juvenis, foi possível identificar nas falas como a escola percebe a cultura do outro. Outro aqui entendido como aquele que não pertence a mim; outro como aquele estranho a minha cultura; o resto, o restante, o diferente, o diverso, o distante. Portanto, outro, enquanto estranho ao que me pertence, no caso aqui, as práticas de lazer das culturas juvenis contemporâneas, enquanto “atos de currículo”.

As culturas juvenis revelaram em seus discursos que suas práticas de lazer enquanto expressões e vibrações culturais singulares aparecem [e desaparecem] no contexto escolar apenas em datas comemorativas, festivais, eventos, não tendo nenhuma ligação com o projeto político pedagógico da escola, ou qualquer vinculação como os aspectos formativos. As atividades estão relacionadas no contexto escolar meramente como atividades extracurriculares, episódicas e eventuais [como uma aparição, como entes fantasmagóricos, me permitam o trocadilho]. No caso dos skatistas e graffiteiros, se materializam [quando se materializam] através de festivais, campeonatos, oficinas, palestras ou como “amigo da



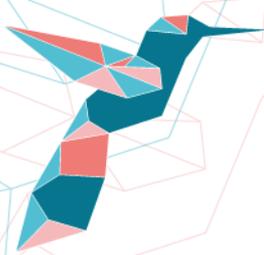
escola”, apenas para não obscurecer ou ofuscar totalmente tais expressões culturais. Nesse sentido, fica configurado o que estamos chamando de folclorização efêmera da cultura do outro. Cultura essa que subsume, subtraem às expressões e vibrações das culturas juvenis, a um mero “artefato espetacular”, uma moda passageira, um ato transitório nos dias de domingo ou qualquer dia comemorativo, como diz um dos nossos interlocutores, *para não morrer de banzo*.

Quando tornamos efêmera ou folclorizamos a cultura do outro, estamos, na realidade, estabelecendo juízo de valores sobre determinada cultura. Valores esses que constituem e configuram no modelo de educação empobrecido do ponto de vista cultural, porém rico em preconceito pedagógico. “Efemerizar” ou “folclorizar” a cultura do outro tem, em sua essência, uma educação pautada em artefatos educacionais, modelizantes, niilistas e que, portanto, deve ser rechaçado na contemporaneidade. Necessário se faz reconhecer e tornar contínuas e permanentes, no contexto escolar, as expressões e vibrações culturais, advindas das culturas juvenis enquanto “atos de currículo”. É preciso fundar outra educação, uma educação sensível à cultura. Uma educação crítica, cultural e pluralista.

AS CULTURAS DAS RUAS COMO SABERES DA EXPERIÊNCIA QUE FORMAM

Nosso “facho de luz” aponta, nesse momento, para um espaço que aparentemente não constitui aspectos formativos, porém apresenta na sua essência um dos maiores espaços de formação, principalmente das culturas juvenis. Formação essa, recheada de sabores, porém rica de saberes. Sabores e saberes advindos das expressões e vibrações culturais veiculados pela juventude em seus cotidianos. Sabores e saberes construídos de experiências que, na maioria, se mantêm distante da escola por não se configurar como um ato curricular e quando se aproxima, toma as dimensões da folclorização efêmera do outro, que comentamos anteriormente. Nesse espaço, não existe professor, não existe cadeira, não existe quadro negro, nem lousa branca. Nesse espaço, não existe caderno didático, aprovação ou reprovação. No entanto, existem aprendizes/aprendentes. Estamos nos referindo às culturas de ruas, especificamente, àquelas produzidas e consumidas pelos (as) jovens na *pólis*.

A gama de experiências vividas/experienciadas pelos (as) jovens na cultura das ruas, certamente é infinitamente maior do que se imagina. Acreditamos que os saberes veiculados pelos (as) jovens em suas práticas de lazer estão recheados de dinâmicas formativas e, que, portanto, precisam encontrar na escola ressonância, sensibilidade, acolhimento a ponto de



reconhecê-las como possibilidade pedagógica na cultura escolar, enquanto “atos de currículo”. cremos que tais saberes, enquanto “*facho de luz*”, poderiam gerar uma centelha iluminada na construção de educação cidadã cultural e plural.

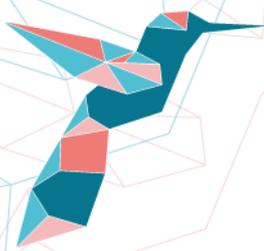
O LAZER ENTRE GRAFFITEIROS E SKATISTAS COMO PAUTAS FORMATIVAS

Aqui reside um dos “fachos de luz” mais ricos em luminosidade. Identificamos, durante as nossas investigações, que as práticas de lazer dos graffiteiros e skatistas são pautas formativas. Os discursos revelaram que predomina, tanto no graffite como no skate, um aprendizado para além do prescrito, para além do hermético, para além do quadrado pedagógico. Há uma circularidade de informações nesses grupos, que fogem das lentes escolares e, portanto, acabam criando no contexto formativo, currículos, hermafroditas, opacos e modelizantes, distantes do que dizem e pensam os (as) jovens.

É preciso ter compreensão das dinâmicas e vibrações formativas presentes nas práticas de lazer desses (as) jovens, a partir do vivido e não apenas pelo percebido. Dizer que tais práticas são boas ou ruins para fazer parte do cotidiano escolar não resolve a questão. É preciso novos *eidós* formativos, que sejam capazes de revelar, nessas práticas de lazer, pautas que formam na própria experiência de lazer. Andar no skate, realizar manobras, participar de shows musicais, encontros com amigos, graffitar um muro ou uma parede com a sutileza do spray, ouvir a música predileta, ler um bom livro, assistir a um bom filme, ir à praia, ir a uma galeria de arte apresentam riquezas de detalhes formativos, que extrapolam a um mero olhar “miope [às vezes há cego mesmo, porém poderia aguçar outros sentidos], folclorizado e efêmero”, daqueles que fazem e dizem sobre o currículo e a formação [principalmente nos ambientes educacionais institucionalizados]. Portanto, fica evidente que, nos cenários de organização e expressão de culturas juvenis contemporâneas urbanas, há uma riqueza de elementos formativos que poderiam compor o currículo/formação enquanto pauta formativa, enquanto “atos de currículo”.

ETNOLAZER E CURRÍCULO E A POSSIBILIDADE DE UMA FORMAÇÃO CULTURAL CRÍTICA E PLURALISTA

Por fim, o mesmo “facho de luz” que mostrou o clarão às culturas juvenis e seus veios formativos aponta suas luzes, nesse momento, para acolher e produzir uma concepção de currículo sensível à cultura e uma concepção de lazer nascida e forjada nos *éthos* formativos



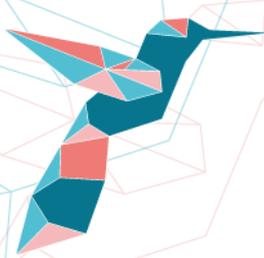
das culturas juvenis, a partir das práticas de lazer que suas culturas veiculam. Surge aqui a ideia de “Etnolazer” e de um currículo com a possibilidade de uma formação cultural crítica e pluralista.

Entenda-se o Etnolazer como princípio formativo, frente às culturas juvenis contemporâneas e que, portanto, se constitui numa possível teoria contemporânea do lazer, a partir das experiências e vibrações de grupos em seus ambientes formativos e culturais no tempo livre. O etnolazer nasce dos etnométodos com suas indexicalidades, tendo como “bacia semântica” as culturas veiculadas pelos sujeitos em formação, procurando enriquecer as metas teóricas no campo do currículo e do lazer. Um etnolazer a partir dos “atos de currículo” produzidos na cultura. Portanto, tem como primazia metodológica a etnopesquisa crítica multirreferencial, no trato de estudos e pesquisas dessa natureza.

Ademais, quando estamos falando de Etnolazer, estamos considerando e pautando que as experiências e vibrações cotidianas das culturas juvenis contemporâneas se constroem independentemente das prescrições normativas das culturas oficiais. Na realidade, elas são totalmente diferentes das culturas curriculares, que são predominantemente prescritivas. Diferença essa que pressupõe constituir-se de uma liberdade criativa, capaz de romper com as amarras pedagógicas, por terem sido forjadas, fecundadas, brotadas, em ambientes ricos de vibrações culturais em outro tempo, o tempo não escolar [não estamos falando de um segundo tempo], o tempo livre e por ser livre, rico e pleno em criatividade.

Quanto ao currículo, as centelhas apontam para um currículo com formação cultural crítica e pluralista. Um currículo sensível às vibrações culturais, levando em consideração o princípio da *Bildung* alemã (Formação). Formação aqui entendida, também, como cultura. Cultura no seu sentido amplo. Um currículo entretecido, constituído e forjado nos ambientes formativos das culturas juvenis, valorizando os “atos de currículo”.

Temos aí um grande desafio a superar em tempos de crises, dos pontos de vista ontológico, pedagógico, filosófico, histórico, sociológico, ético, estético, erótico, para/com as culturas juvenis contemporâneas. Um desafio que requer romper radicalmente com as visões de formação e de currículo de caráter hermafrodita, niilistas, modelizante e iluminista. Uma ruptura para além do fisiologismo político, para além do fisicalismo pedagógico, para além de uma pedagogia de conceitos meramente prescritivos, para além de um lazer programado, mais à luz de currículo para/com a diferença, um currículo entretecido, um currículo-formação e a formação-curriculum, um currículo com duplo/múltiplos pertencimentos. Onde o sujeito se



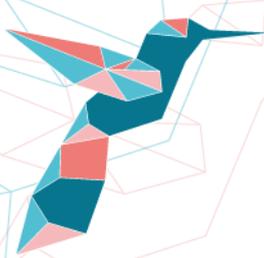
forma no currículo e o currículo se forma no sujeito. Requer outro fazer /viver/sentir/pulsar de maneira fractal o currículo-formação e a formação-curriculum. Acreditamos que o *Etnolazer* e o currículo através dos seus “fachos de luz”, possam constituir essa formação crítica e pluralista para/ com as culturas juvenis contemporâneas.

Para final de nossos diálogos conclusivos e propositivos em aberto, gostaríamos de elucidar [o que não significa trazer toda luz], porém ainda utilizando a metáfora do “*facho de luz*”, que as investigações no campo da Etnopesquisa Crítica e Multirreferencial nos proporcionaram outro olhar sobre currículo, sobre a formação, sobre as Culturas Juvenis. Um olhar para além do obscurantismo que predomina no contexto educacional vigente. Nos fez compreender outras dinâmicas formativas, que transpõem a Educação tal qual vem sendo prescrita pelos “experts de gabinete”, pelos especialistas e pelos curriculas. Nos fez sair da “caverna”, e encontrar a luz de outro fazer pedagógico, a partir dos “atos de currículo” e encontrar, no fim do túnel, a luz do *Etnolazer*.

Nosso “facho de luz” conseguiu clarear os artefatos educacionais presente nos contextos formativos e mostrou, na claridade, como esses mesmos artefatos não vêm dando conta das demandas pautadas pelas culturas juvenis contemporâneas, a ponto de constituir outro currículo para/com a diferença. Certamente, porque mantêm e segue o que está prescrito, envelopado e modelizado.

Acreditamos que é preciso apontar o “facho de luz” para outra direção, onde o se construa um “facheiro” que possa clarear de maneira fractal e entretecida, onde os contextos educacionais não mais pautem seus currículos/formação por pequenos “fachos de luz”, sendo apenas visualizados por “brechas pedagógicas”, advindas de conteúdos emergentes, como: oficina de grafite, campeonato skate, gincanas, dias D e festivais musicais, etc.

Estamos apontando a luz para outra direção. Direção essa que valoriza, dentro do contexto escolar, a cultura juvenil como problemática formativa; que nega a folclorização efêmera da cultura do outro; que tem como premissa as culturas das ruas como saberes que formam; que tem como princípio o respeito e compreensão do lazer dos grafiteiros e skatistas como pautas formativas e, por último, o acolhimento e a produção de um *Etnolazer* e currículo com possibilidades de uma formação cultural crítica pluralista. Essa é a direção que apontamos nosso “facho de luz” frente às demandas advindas das culturas juvenis contemporâneas. Essa é a luz que deve ser evidenciada. Essa é a ruptura que procuramos ter com a Educação, Lazer e as culturas juvenis.



**XIX
CONBRACE**
VI CONICE
08 a 13 de setembro de 2015
VITÓRIA-ES

TERRITORIALIDADE E DIVERSIDADE
REGIONAL NO BRASIL E AMÉRICA LATINA:
SUAS CONEXÕES COM A EDUCAÇÃO
FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

Por fim, o que nos nutre enquanto educadores em tempos de incertezas é a certeza de que, mesmo que a educação institucionalizada queira se manter a guisa do obscurantismo, as manifestações da vida cotidiana, principalmente das culturas juvenis, criarão independentemente da escola, sua formação pelos “atos de currículo”. Sendo assim, manteremos, então, o nosso *quiasma* entre o “ver e o vislumbrar” outra educação. Propomos, portanto, que o diálogo continue em aberto aguardando outros “fachos de luz”.

EDUCATION, LEISURE AND YOUTH CULTURE: INVESTIGATING LEISURE
PRACTICES IN SETTINGS FOR ORGANISING AND EXPRESSING CONTEMPORARY
URBAN YOUTH CULTURES AND THEIR RELATIONSHIP WITH “CURRICULUM
ACTS”.

ABSTRACT

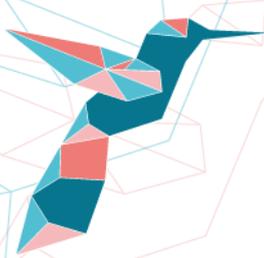
The objective of this thesis is to identify formative aspects which leisure cultures convey in relation to the “curriculum acts” that they have experienced, as well as expressions of leisure practices and allowing for dialogue in the educational field towards a education for multi-faceted citizens. We have taken ethnographic studies of educational practices detailed in critical ethno-research as a basis. In this sense, we have adopted an investigational attitude to put forward proposals which could be launched within the scope of settings for organising and expressing contemporary youth cultures from investigative conclusions on the agenda, identifying them in the historical project that we wish to create for education and for new public policies on youth.

KEYWORDS: *Adolescent; Leisure Activities; Education.*

EDUCACIÓN, OCIO Y CULTURA JUVENIL: INVESTIGANDO LAS PRÁCTICAS
DE OCIO EN ESCENARIOS DE LAS ORGANIZACIONES Y LA EXPRESIÓN DE
CULTURAS JUVENILES URBANAS CONTEMPORÁNEAS Y SUS RELACIONES
CON LOS "ACTOS DEL CURRÍCULO".

RESUMEN

Esta tesis tiene como objetivo identificar aspectos formativos que sus culturas de esparcimiento vehiculan en relación a los “actos de currículum” que experimentan, bien como expresiones de prácticas de esparcimiento, permitiendo dialogar en el campo educacional en relación a una educación ciudadana plural. Tomamos como base, estudios etnográficos de las prácticas educativas pautadas en la encuesta étnica crítica y, en ese sentido, adoptamos una actitud de investigación que desea apuntar, a partir de las conclusiones de la investigación en pauta, a propuestas que puedan ser anunciadas en el



ámbito de los escenarios de organización y expresión de culturas juveniles contemporáneas, identificándolas en el proyecto histórico que deseamos construir para la educación y para las nuevas políticas públicas juveniles.

PALABRAS CLAVE: Adolescente; Actividades recreativas; Educación.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, M. *Juventude, violência e vulnerabilidade social na América Latina: desafios para políticas públicas*. Brasília, DF: UNESCO, BID, 2002.

COULON, A. *Etnometodologia*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

_____. *Que sais-je? L'ethnométhodologie*. 5e éd.: Paris: Presses Universitaires de France, 2007.

DAYRELL, J. Escola e culturas juvenis. In: FREITAS, M. V. de; PAPA, F. de C. (Org.). *Políticas públicas: juventude em pauta*. São Paulo: Cortez, 2003. p. 165-180.

GITAHY, C. *O que é graffiti*. São Paulo: Brasiliense, 1999.

GROPPO, L. A. *Juventude: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas*. Rio de Janeiro, RJ: DIFEL, 2000.

HESS, R. *Produzir sua obra: o momento da tese*. Brasília, DF: Líber Livro, 2005.

LUBISCO, N. M. L.; VIEIRA, S. C.; SANTANA, I. V. *Manual de estilo acadêmico: monografias, dissertações e teses*. 4. ed. Salvador: EDUFBA, 2008.

MACEDO, R. S. *Atos de currículo, formação em atos? para compreender, entretecer e problematizar currículos e formação*. Ilhéus, BA: Ed. da UESC, 2011.

_____. *Currículo: campo, conceito e pesquisa*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

_____. *Etnopesquisa crítica etnopesquisa-formação*. Brasília, DF: Líber Livro, 2006.

MACEDO, R. S. *A etnopesquisa crítica e multirreferencial nas ciências humanas e na educação*. Salvador: EDUFBA, 2000.

MACHADO, S. R. G. A construção social da loucura em Neópolis. 2000. 121 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) - Núcleo de Pós-Graduação e Estudos do Semiárido, Programa Regional de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente - PRODEMA, Universidade Federal de Sergipe, 2000.

PAIS, J. M. *Culturas juvenis*. 2. ed. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 2003a.



**XIX
CONBRACE**
VI CONICE
08 a 13 de setembro de 2015
VITÓRIA-ES

TERRITORIALIDADE E DIVERSIDADE
REGIONAL NO BRASIL E AMÉRICA LATINA:
SUAS CONEXÕES COM A EDUCAÇÃO
FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

SANTOS, R. A. dos. *Os sentidos e significados do lazer na formação escolar na região de Xingó*. 2001. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Educação, Salvador, 2001.